

# **CONHECIMENTO TRADICIONAL E RESILIÊNCIA COMUNITÁRIA: um estudo no quilombo Brasa Moura em Piratini-RS sob a lente dos capitais comunitários**

## **1 INTRODUÇÃO**

As alterações socioambientais, intensificadas pelas mudanças climáticas, configuram-se como um dos maiores desafios contemporâneos, impactando de forma desigual populações que mantêm estreita relação com seus territórios e recursos naturais. No Brasil, comunidades tradicionais, como as quilombolas, enfrentam vulnerabilidades crescentes, uma vez que sua produção de alimentos não se restringe ao aspecto econômico, mas constitui pilar de identidade cultural, espiritualidade e coesão social.

Nesse contexto, nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), lançados pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2015, destaca-se a meta 13.b, que propõe ampliar a cooperação internacional em educação e tecnologia para fortalecer a capacidade de planejamento e gestão de grupos historicamente marginalizados, entre eles mulheres, jovens e comunidades tradicionais (IPEA, 2015).

Portanto, compreender como os capitais comunitários (cultural, humano, social, natural, físico, político e financeiro) contribuem para a resiliência torna-se fundamental para formular respostas adaptativas e políticas públicas territorializadas. A comunidade quilombola Brasa Moura, localizada em Piratini/RS e certificada pela Fundação Palmares em 2017, representa um caso emblemático de enfrentamento às transformações socioambientais. Assim, esta pesquisa busca responder: como os capitais comunitários e os conhecimentos tradicionais contribuem para a organização socioprodutiva, a resiliência socioambiental e a autonomia do quilombo Brasa Moura?

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

O estudo adota como base teórica o *Community Capitals Framework* (EMERY; FLORA, 2006; FLORA, 2016), que entende os capitais como recursos interdependentes capazes de sustentar processos de desenvolvimento comunitário e resiliência. O capital cultural abrange valores, crenças, tradições e práticas que reforçam a identidade coletiva e a transmissão de saberes intergeracionais (BOURDIEU, 1986; JEANNOTTE, 2003). O capital humano refere-se às capacidades, habilidades e conhecimentos dos indivíduos, fundamentais para a reprodução social, a saúde e a educação (SCHULTZ, 1961; DREXLER, 2022). Já o capital social corresponde às redes de confiança, cooperação e solidariedade que permitem ação coletiva e fortalecimento da coesão comunitária (PUTNAM, 1993; TORRI, 2011). O capital físico diz respeito à infraestrutura material e tecnológica disponível, como estradas, equipamentos e habitações, que viabilizam as práticas produtivas e o acesso a serviços básicos (EMERY; FLORA, 2006). O capital político envolve a capacidade de articulação, influência e participação comunitária em instâncias decisórias, sendo essencial para o acesso a políticas públicas e a garantia de direitos (ROSYADI; BIRNER; ZELLER, 2005). O capital financeiro refere-se aos recursos monetários e de crédito que permitem investimentos e a sustentabilidade econômica (FLORA, 2016). Por fim, o capital natural corresponde aos recursos ambientais (solo, água, biodiversidade e clima) que sustentam a base produtiva e cultural das comunidades (INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE, 2022).

No Brasil, as políticas públicas voltadas às comunidades quilombolas buscam assegurar direitos territoriais, sociais e culturais por meio de programas intersetoriais. O Programa Brasil Quilombola (PBQ), criado em 2004, organizou suas ações em quatro eixos: acesso à terra, infraestrutura, inclusão produtiva e direitos sociais (BRASIL, 2018). Em 2023, foi instituída a

Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental Quilombola (PNGTAQ), que reconhece a especificidade histórica e territorial dessas comunidades e estabelece diretrizes para a sustentabilidade ambiental (BRASIL, 2023a). No mesmo ano, o Decreto nº 11.447 criou o Programa Aquilomba Brasil, sucessor do PBQ, com maior articulação interministerial e ênfase no protagonismo quilombola (BRASIL, 2023b). Outras iniciativas incluem o Programa de Apoio e Fortalecimento ao Etnodesenvolvimento (PAFE), voltado à inclusão produtiva e à valorização de saberes ancestrais (BRASIL, 2024a), e o projeto Naturezas Quilombolas, lançado em 2024, que destinou R\$ 33 milhões para apoiar práticas de gestão ambiental na Amazônia Legal (BRASIL, 2024b).

### 3 METODOLOGIA

A pesquisa adotou o método de estudo de caso (YIN, 2015), tendo como foco o quilombo Brasa Moura em Piratini-RS. A coleta de dados envolveu observações diretas, levantamento documental e entrevistas semiestruturadas, buscando compreender as transformações socioambientais percebidas pela comunidade e suas estratégias de adaptação. Inicialmente, realizou-se o registro das características físicas e socioeconômicas da localidade, com base em dados primários e secundários, visando validar informações fornecidas pelos participantes e mapear alterações ambientais recentes. A seleção dos entrevistados seguiu a técnica da bola de neve (GODOI; MATTOS, 2006), contemplando especialistas e residentes, conforme critérios de experiência, engajamento comunitário e conhecimento sobre a produção local (REYES-GARCÍA *et al.*, 2020). Ao todo, foram realizadas 11 entrevistas individuais, gravadas, transcritas e anonimadas, em conformidade com os protocolos éticos da Resolução nº 466/2012 (BRASIL, 2012) e Resolução nº 510/2016, aprovados pelo CEP-FEN-UFPEL.

As entrevistas, conduzidas a partir do protocolo de Reyes-García *et al.* (2020), foram estruturadas em dois eixos principais: (i) identificação dos meios de subsistência locais, calendário sazonal e práticas agroalimentares; e (ii) percepção das mudanças socioambientais, seus fatores, impactos e medidas de adaptação ou mitigação. O *corpus* analítico integrou entrevistas, observações e documentos oficiais, compondo uma triangulação metodológica que buscou captar a complexidade das interações entre saberes tradicionais, transformações climáticas e práticas comunitárias (GASKELL, 2002).

A análise dos dados seguiu a técnica de análise de conteúdo direcionada (HSIEH; SHANNON, 2005), sistematizada no software NVIVO15. As entrevistas foram transcritas e submetidas a um processo de codificação e categorização, construído de forma indutiva e dedutiva (HSIEH; SHANNON, 2005). Esse processo permitiu identificar padrões, contradições e nuances relacionadas aos capitais comunitários, revelando como a comunidade percebe e enfrenta as mudanças ambientais.

### 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O capital cultural foi o mais referenciado nas entrevistas (271 menções), evidenciando a centralidade da produção alimentar, das tradições e da transmissão intergeracional de saberes no Quilombo Brasa Moura. As práticas agrícolas baseadas em sementes crioulas e o cultivo coletivo demonstram tanto a resiliência cultural quanto os desafios de acesso à terra (IPCC, 2022; CARETTA *et al.*, 2022). Festas, rituais religiosos, benzedeiras e parteiras reforçam a coesão social e o pertencimento, confirmando que os códigos culturais são vetores de resistência (JEANNOTTE, 2003; YUSUF; AJI; RAHARJANA, 2025). A oralidade e os conhecimentos ancestrais, contrapostos ao saber técnico, mostram a relevância da epistemologia quilombola como estratégia de adaptação frente às mudanças climáticas (PÖRTNER *et al.*, 2022). Ainda, processos de modernização – como o acesso a políticas públicas e à educação superior –

revelam que a atualização cultural é reinterpretada como fortalecimento identitário, sem perda da essência comunitária (OLIVEIRA; MORAIS, 2018).

O capital natural (155 menções) foi associado sobretudo aos impactos das mudanças climáticas e do agronegócio, que têm comprometido a produção, a biodiversidade e os serviços ecossistêmicos locais. Relatos sobre secas, enchentes e geadas revelam sobreposição de riscos climáticos, em consonância com Glavovic *et al.* (2022), enquanto a pulverização de agrotóxicos foi apontada como ameaça à saúde e à soberania alimentar (IPCC, 2022). Apesar disso, a comunidade tem demonstrado resiliência, ajustando calendários de plantio, construindo cacimbas e preservando práticas agroecológicas, numa adaptação transformadora que combina saber tradicional e inovações locais (IPCC, 2022). A forte relação afetiva com o território e a memória coletiva reforçam o pertencimento e a preservação ambiental, mesmo diante do avanço do desmatamento e das monoculturas de eucalipto (COE, 2017; IPCC, 2022).

O capital social (126 referências) destacou tanto as conexões externas – com movimentos sociais, ONGs e órgãos públicos – quanto as relações internas de solidariedade, fundamentais para a governança adaptativa (FLORA, 2016). As redes de apoio, como Cáritas e Emater, foram apontadas como essenciais para ampliar a autonomia e a capacidade adaptativa da comunidade (Cui; Li, 2020). Internamente, os laços familiares e a memória coletiva em torno da matriarca fortalecem a coesão, mas a migração de jovens e a perda de lideranças ameaçam a continuidade intergeracional (ZHANG *et al.*, 2020). O apoio comunitário, expresso no trabalho coletivo e na partilha de alimentos, confirma a função do capital social como amortecedor frente a adversidades climáticas e sociais (TORRI, 2011; IPCC, 2022). Já o apoio técnico especializado e as disputas fundiárias revelam a importância de articulações externas para o reconhecimento oficial e a defesa dos direitos quilombolas (ZHANG *et al.*, 2020).

O capital físico (91 menções) foi associado sobretudo à infraestrutura comunitária, meios de produção e acessibilidade. A ausência de transporte e de serviços básicos reforça a vulnerabilidade socioambiental, enquanto iniciativas como hortas comunitárias e pequenas melhorias estruturais mostram estratégias locais de resistência. O uso de equipamentos agrícolas simples e a limitação tecnológica contrastam com a necessidade de modernização, confirmando que o capital físico é uma dimensão estratégica, mas ainda fragilizada, no fortalecimento da autonomia comunitária (IPCC, 2022; FLORA, 2016).

O capital político (86 menções) evidenciou a luta por direitos, a mobilização comunitária e as parcerias com governos e ONGs. A legalização e a titulação das terras, embora marcadas por processos burocráticos e conflitos fundiários, reforçam o papel da autoidentificação e da organização coletiva (BRASIL, 2012). A literatura mostra que a capacidade política é determinante para a resiliência, pois amplia o acesso a políticas públicas específicas e protege os direitos territoriais (IPCC, 2022). No Brasa Moura, a mobilização comunitária e o engajamento em redes quilombolas confirmam essa dimensão como central na sustentação da identidade coletiva e no enfrentamento de pressões externas.

O capital humano (80 menções) foi associado às habilidades tradicionais, à formação educacional e à retenção de jovens. As práticas de cultivo, a medicina popular e os saberes transmitidos pelas parteiras e benzedoras foram destacados como formas de resistência cultural e de saúde comunitária (PÖRTNER *et al.*, 2022). Contudo, a evasão de jovens ameaça a continuidade desses saberes, criando um hiato intergeracional (REYES-GARCÍA *et al.*, 2020). Por outro lado, políticas de ação afirmativa têm possibilitado o acesso de quilombolas ao ensino superior, promovendo o diálogo entre saber tradicional e conhecimento acadêmico (OLIVEIRA; MORAIS, 2018). Essa combinação reforça a vitalidade do capital humano como elemento de resiliência e inovação comunitária.

O capital financeiro (75 menções) destacou tanto a limitação de recursos e fontes de renda quanto o papel dos auxílios sociais e do acesso a políticas de fomento, como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). A dependência de terras de terceiros e a vulnerabilidade da

produção agrícola afetam diretamente a segurança econômica, confirmando o que Caretta *et al.* (2022) identificam como fragilidade estrutural das comunidades rurais. Ainda assim, a diversificação das estratégias de sustento e a busca por programas governamentais mostram que o capital financeiro, embora limitado, é ativado em complementariedade aos demais capitais, funcionando como suporte às práticas culturais, naturais e sociais (PÖRTNER *et al.*, 2022).

A articulação entre os capitais demonstra que a resiliência comunitária não se resume a respostas técnicas, mas se expressa em processos culturais e coletivos que ressignificam práticas ancestrais frente às pressões externas. Nesse sentido, a pesquisa evidencia que a produção de alimentos constitui não apenas uma estratégia de sobrevivência, mas também uma prática política e cultural de resistência. Portanto, os resultados indicam que a resiliência do quilombo Brasa Moura não pode ser entendida como mera resistência passiva, mas como processo ativo de articulação entre saberes tradicionais, redes sociais e disputas políticas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo conclui que políticas públicas intersetoriais e culturalmente sensíveis são urgentes, devendo assegurar a posse da terra, fomentar a agroecologia, valorizar os saberes tradicionais e promover a participação ativa das comunidades na formulação de estratégias de adaptação. O papel das mulheres, identificado como central nas práticas de resistência e cuidado, reforça a importância de considerar dimensões de gênero na análise da resiliência comunitária. Assim, a valorização dos capitais comunitários não se limita à preservação cultural, mas constitui estratégia vital para enfrentar os desafios socioambientais e consolidar modelos de desenvolvimento baseados na justiça climática, na equidade e na sustentabilidade.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. The Forms of Capital. In: RICHARDSON, J. (org.). **Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education**. New York: Greenwood, 1986.

BRASIL. **Decreto nº 11.786**, de 20 de novembro de 2023. Institui a Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental Quilombola e o seu Comitê Gestor. Brasília: Presidência da República, 2023. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2023-2026/2023/decreto/d11786.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/decreto/d11786.htm) Acesso em: 12 maio 2025.

BRASIL. Ministério da Igualdade Racial. **Aquilomba Brasil**. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/igualdaderacial/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas-1/aquilomba-brasil> Acesso em: 10 mar. 2025.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar. **O que é**. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mda/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas-projetos-acoes-obras-e-atividades/programa-de-apoio-e-fortalecimento-ao-etnodesenvolvimento-e-aceso-a-terra-e-ao-territorio-pafe/o-que-e> Acesso em: 21 abri. 2025.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. **Programa Brasil Quilombola promove a cidadania das comunidades**. 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2018/julho/programa-brasil-quilombola-promove-a-cidadania-das-comunidades-no-brasil> Acesso em: 18 mar. 2025.

BRASIL. Secretaria de Comunicação Social. **Governo Federal lança iniciativa Naturezas Quilombolas, para apoiar projetos na Amazônia**. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2024/11/governo-federal-lanca-iniciativa-naturezas-quilombolas-para-apoiar-projetos-na-amazonia> Acesso em: 10 mar. 2025.

CARETTA, M. A. *et al.* **Water**. Climate Change 2022: Impacts, Adaptation and Vulnerability. Contribution of Working Group II to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change. Cambridge University Press, Cambridge, UK and New York, NY, USA, p. 551–712, 2022. doi:10.1017/9781009325844.006.

COE, M. T. The Forests of the Amazon and Cerrado Moderate Regional Climate and Are the Key to the Future. **Tropical Conservation Science**, v. 10: p. 1–6. 2017. DOI: 10.1177/1940082917720671

DREXLER, K. A Community Capitals Assessment of Climate Adaptations to Traditional Milpa Farming Practices in Mayan Communities of Southern Belize. **Climate**, v. 10, n. 176, 2022. <https://doi.org/10.3390/cli10110176>

EMERY, M.; FLORA, C. Spiraling-Up: Mapping Community Transformation with Community Capitals Framework. **Community Development**, v. 37, n. 1, p. 19-35, 2006.

FLORA, C. B. **Rural Communities: Legacy + Change**. Routledge. 5. ed. New York. 2016. <https://doi.org/10.4324/9780429494697>

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: Bauer, M. W.; Gaskell, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis. Vozes. 2002.

GLAVOVIC, B. *et al.* **Cross-Chapter Paper 2: Cities and Settlements by the Sea**. In: Climate Change 2022: Impacts, Adaptation and Vulnerability. Contribution of Working Group II to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change. Cambridge University Press, Cambridge, UK and New York, NY, USA, p. 2163–2194, 2022. doi:10.1017/9781009325844.019.

GODOI, C. K.; MATTOS, P. L. C. L. Entrevista qualitativa: instrumento de pesquisa e evento dialógico. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B. **Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais**. São Paulo. Saraiva, 2006.

HSIEH, H-F.; SHANNON, S. E. Three Approaches to Qualitative Content Analysis. **Qualitative Health Research**, v. 15, n.9, p. 1277-1288. 2005. doi:10.1177/1049732305276687

INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE (IPCC). **Summary for Policymakers**. Climate Change 2022: Impacts, Adaptation and Vulnerability. Contribution of Working Group II to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change. Cambridge University Press, Cambridge, UK and New York, NY, p. 3–33. 2022. Doi:10.1017/9781009325844.001.

IPEA. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. 13. 2015. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/ods/ods13\\_card.html](https://www.ipea.gov.br/ods/ods13_card.html) Acesso em; 18 ago. 2024.

JEANNOTTE, M. S. Singing alone? The contribution of cultural capital to social cohesion and sustainable communities. **The International Journal of Cultural Policy**, v.9, n.1, p. 35-49, 2003. DOI: 10.1080/1028663032000089507

OLIVEIRA, A. T. C.; MORAIS, N. A. de. Resiliência Comunitária: Um estudo de Revisão Integrativa da Literatura. **Trends in Psychology/Temas em Psicologia**, v. 26, n. 4. 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=539658227002> Acesso em: 12 abr. 2025

PÖRTNER, H. *et al.* **Technical Summary**. Climate Change 2022: Impacts, Adaptation and Vulnerability. Contribution of Working Group II to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change. Cambridge University Press, Cambridge, UK and New York, NY, USA, p. 37–118, 2022. doi:10.1017/9781009325844.002

PUTNAM, R. D. The Prosperous Community Social Capital and Public Life. **The American Prospect**, v. 4, n. 13, Mar, 1993. Disponível em: <https://faculty.washington.edu/matsueda/courses/590/Readings/Putham%201993%20Am%20Prospect.pdf#page=6.79> Acesso em: 2 abr. 2025.

PUTNAM, R. D. **Comunidade e Democracia**. A experiência da Itália moderna. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2006. Disponível em: <https://humana.social/wp-content/uploads/2017/01/PUTNAM-Robert-1993-Comunidade-e-Democracia-A-Experi%C3%Aancia-da-It%C3%A1lia-Moderna.pdf> Acesso em: 2 abr.2025.

REYES-GARCÍA, V. *et al.* **Local Indicators of Climate Change Impacts**. Data collection protocol. Figshare; 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.6084/m9.figshare.11513511.v3>

ROSYADI, S., BIRNERB, R; ZELLER, M. Creating political capital to promote devolution in the forestry sector—a case study of the forest communities in Banyumas district, Central Java, Indonesia. **Forest Policy and Economics**, v. 7, p. 213– 226. 2005. doi:10.1016/S1389-9341(03)00027-3

SCHULTZ, T. W. Investment in Human Capital. **The American Economic Review**, v. 51, n. 1, p. 1-17. 1961. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1818907>. Acesso em:7 abr. 2025.

TORRI, M. C. The Importance of Social Capital in the Promotion of Community Development and the Enhancement of Local Health System. **Journal of Health Management**, v. 13, n. 1, p. 15–38. 2011. DOI: 10.1177/097206341001300102

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 5 ed. Porto Alegre. Bookman, 2015. ISBN: 8582602324, 9788582602324

YUSUF, M.; AJI, K. B.; RAHARJANA, D. T. Cultural capital and sustainable tourism in the Kei Islands: the role of tradition in island tourism development. **Journal of Tourism and Cultural Change**, v. 23, n.4, p. 319-344, 2025. DOI: 10.1080/14766825.2025.2515412

ZHANG, Yang *et al.* Sociocultural Sustainability and the Formation of Social Capital from Community-based Tourism. **Journal of Travel Research**, v. 60, n. 3, p. 656–669. 2021. <https://doi.org/10.1177/0047287520933>